

O GOZO DO OLHAR EM LOL STEIN

WALKIRIA HELENA GRANT

Lol V. Stein é a personagem central da novela de Marguerite Duras intitulada “Le Ravissement de Lol V. Stein”, publicada em 1964. Duras, em uma visita de caridade a um hospital psiquiátrico, numa noite de Natal, encontra uma jovem internada cujo *olhar era vazio*. Ela chamava-se Manon e, inspirada por esta mulher, Duras criou a figura enigmática de Lol Stein. Qual o lugar do olhar na vida de Lol?

A obra, que foi traduzida por *O Deslumbramento de Lol Stein*, passou a ocupar um estatuto especial para nós, leitores de Lacan, pois rendeu-lhe um escrito: *Homenagem a Marguerite Duras pelo Arrebatamento de Lol V. Stein* (Lacan, 2003). Ele reconhece no arrebatamento de Lol V. Stein que a autora revela saber, sem sua ajuda, aquilo que ele ensina.

Arrebatada fui eu, também leitora desta novela, anos atrás... Este termo, arrebatamento, tem suas raízes no campo místico e aponta para um estado de êxtase, um estado em que a alma sente-se captada por uma força superior, transportada em alegria para um lugar Outro, num estado de deslumbramento onde as palavras faltam para dizer... Foram as marcas dessa vivência, a da “falta de palavra” diante da visão de uma cena, que me levaram a escolher Lol V. Stein como um núcleo a ser interrogado!

A cena do baile

Lol V. Stein foi arrebatada diante de uma cena que se congelou em sua memória e nos arrasta para, com ela, tecer fios que possam dar sustentação, a ela e a cada um de nós, no mundo dos vivos. Lola Valérie Stein, 19 anos, vai a um baile em T. Beach, sua cidade natal, com seu noivo, Michael Richardson; iriam casar-se em seis meses. No baile dançam e, num certo momento, a orquestra para de tocar e “Lol, momentaneamente imobilizada, vê avançar, como ele, aquela graça abandonada... Era magra... Havia coberto aquela magreza... com um vestido preto bastante decotado... Advinhava-se a ossatura admirável do seu corpo e de seu rosto... Quem era? Soube-se mais tarde: Anne-Marie Stretter e sua filha” (Duras, 1986, p. 10). Michael Richardson volta-se para Lol, pálido, marcado por uma preocupação tão súbita e arrebatadora... Ele voltou-se para Lol e tirou-a

para dançar pela última vez em suas vidas... Tornara-se diferente... Lol olhava-o, olhava-o mudar. Os olhos de Michael Richardson haviam se iluminado... “Essa visão e essa certeza de que seu noivo só tinha olhos para esta outra mulher, não pareceram acompanhar-se de sofrimento em Lol.” (Ibid.,p.12). Michael Richardson volta-se para esta outra mulher, toda vestida de negro: Anne-Marie Stretter. Dançam uma música, e outra, e outra... Lol tinha se voltado para trás do bar e das plantas verdes; Tatiana, sua amiga, ficou com ela. Desse lugar, Lol, arrebatada pela cena, assiste a seu noivo e à mulher de preto dançarem até que o final seja marcado pelo último acorde da orquestra. Lol, arrebatada pela cena, nos fala aqui de um universo que passa a não ter significação, da perda de seu norte. Juntos com ela ficamos soltos no mundo, juntos com ela vivemos o inenarrável da vida - proximidade da loucura... Fim do baile, já era dia! A mãe de Lol entra no salão, descobre a filha atrás das plantas e é nesse momento que Lol compreende que um fim, de maneira confusa, esboçava-se. Lol gritava e dizia que “não era tarde, que a hora de verão enganava”. Lol, se pudesse, paralisaria o tempo... Ela e os dois; “eu e dois” (Lacan, 2003, p. 199). Ela que se chamava Lola Valérie Stein, a partir desse dia passa a se designar Lol V. Stein, um nome marcado por uma perda - esta foi a mudança. Como bordejar essa perda, bem como essa montagem de um ser a três que parecia poder ficar congelado através dos tempos? A nova história de Lol V. Stein começa a ser forjada e tinha de ser vivida até o fim.

Retomemos a cena em que, ela e sua amiga Tatiana, estavam num canto da sala do baile, entre as folhas verdes: Lol só tinha olhos para ver seu noivo dançar uma e outra, e outra música com a mulher vestida de preto, Anne Marie Stretter. Lol, vendo-os dançar, esqueceu-se de sofrer a perda, tudo o que ela queria era poder estender o tempo em que os olhava dançar juntos! Por isso dizia para a mãe que ainda era cedo... Ela precisava prolongar o tempo de ver aqueles dois juntos, arrebatados nos movimentos da dança que os tornavam um, sob o seu olhar como testemunha! Lol não demonstrava qualquer sofrimento vendo-os dançando e nós nos perguntamos o porquê ... Como dar conta desta mulher, que poderíamos denominar nessa cena de a terceira excluída, que não parecia sofrer, não parecia sentir-se excluída daquele par? Como nomear esse gozo que sustenta o olhar de Lol?

Lol havia mudado e o ponto de ruptura daquela que se chamava Lola Valerie Stein pode ser pontuado no momento do fim do baile: ela, sem poder olhar aqueles dois dançando, esvanece-se de vida!

A partir de sua saída daquela sala de baile, promovida pela sua mãe, e de seu retorno para casa, mudanças ocorrem: Lol permanece em seu

quarto por semanas. Aos poucos deixa mesmo de falar... “Sua dificuldade diante da busca de uma única palavra parecia intransponível.” (Ibid., p. 17). Uma única palavra para dizer da sua dor, da sua perda... Lol parece ter atravessado uma fronteira e, agora, estar habitando um Outro lugar, um lugar onde o tecido das palavras faltam para dizer: S(/A). Ela, com seu silêncio, nos fala de um mundo sem palavras; um mundo que habita desde que o fim do baile se inscreveu; desde que foi impedida de continuar vendo aquele par junto numa dança que poderia ser eterna!

Aos poucos recomeçou a comer, buscar ver a luz, falar...

Um dia sai à rua, passa a seguir um homem e acaba casando-se com ele. Dez anos casada, morando em outra cidade, e um tempo que não ocupa lugar nas folhas do livro, um tempo não marcado por vivências significativas. Uma vida em que Lol teve filhos e organizou obsessivamente seu espaço, seu tempo e o da sua família.

Dez anos depois, retorna a T. Beach, cidade onde tudo havia acontecido. Ao ver Tatiana, aquela amiga que ficara com ela entre as folhas verdes num canto da sala no baile, andando nas ruas de T. Beach com um homem, seu amante, sem um saber consciente, passa a criar um tempo para elaborar aquele evento de dez anos atrás: o baile. Tatiana funcionou como um disparador de uma dor que nunca fora elaborada.

Recomeça, mil vezes, a viver o passado, a cena do baile, o seu fim: um núcleo de gozo a ser elaborado. Era o fim do baile que a retinha, que ela precisava reconstruir todos os dias... Ela se vê sempre, sempre no mesmo lugar, naquela aurora, vendo seu noivo, Michael Richardson junto com Anne-Marie Stratter - ela, seu noivo e a mulher-mãe, Anne-Marie Stratter, um **triângulo** que precisava ser eterno.

Na falta de uma palavra que permitisse reconstruir aquele momento imobilizado, o de ela ver Michael Richardson despir lentamente Anne-Marie Stratter de seu vestido preto, Lol havia se feito silenciosa na vida.

Para Lol, inimaginável era o fato de que ela estivesse ausente do lugar em que tivesse ocorrido esse gesto, o de Michael Richardson despir, lentamente, o vestido preto de Anne-Marie Stratter – “aquele gesto não teria existido sem ela: ela existe com ele carne a carne, forma a forma, os olhos selados em seu cadáver. Ela nasceu para vê-lo. Outros nasceram para morrer. Aquele gesto, sem ela para vê-lo, morre de sede, pulveriza-se, cai...” (Ibid., p. 36).

Tantos anos passaram-se e acompanhamos um núcleo que continua fazendo sofrer, que continua pulsando. Sua maneira de lidar com esse sofrimento fora casar-se e ir para longe: geograficamente, mas também através de manobras obsessivas... Ao voltar para T. Beach, ao rever Tatiana, como num processo analítico, foi convocada a reescrever sua história.

Michael Richardson continuava a ter uma tarefa na vida fantasmática de Lol: tal qual o mito de Sísifo, Michael Richardson todas as tardes despia outra mulher, e quando os seios brancos apareciam sob o vestido preto, a cena podia ser congelada para que ele recomeçasse, tal qual um Deus cansado, mais uma vez... Como pensar esse não sofrimento de Lol, no lugar de testemunha visual, do casal formado por seu noivo e uma “mulher outra”? Como pensar a angústia do final do baile diante da tentativa desesperada para que o tempo parasse, para que aquela cena pudesse perdurar diante dos seus olhos? Como pensar seus votos de estar presente, vendo seu noivo despir lentamente o vestido preto da mulher fatal que o conquistara?

O vestido, diz-nos Laurent (2005, p.401), ocupa um estatuto semelhante ao amor, ou seja, não é disso que se trata quando o Outro amoroso nos veste, ou deveste do seu amor? Mais do que isso, o vestido também ocupa um lugar de dar contorno - gozo fálico -, de dar consistência a um corpo... Seria esse o estatuto que Lol dá ao movimento repetitivo, em sua fantasia, de ver seu ex-noivo despindo lentamente o vestido de Anne Marie Stratter? Lembremos que quando aparecem os seios, a cena para e, mais uma vez, recomeça! O vestido tem de continuar a ocupar o lugar de vestir, de contornar falicamente o corpo... Um passo além dele e seria o atravessamento para o vazio? Um passo além, e o nada... Outro gozo!

Retornemos ao vestido: é enquanto envoltório do corpo que se trata; é do *vê-stido*, enquanto imagem tecida pelo amor e pelo desejo... Sem esses contornos tecidos pelo outro do amor, Lol mergulha no silêncio do arrebatamento em que vive a experiência de ser expulsa do próprio corpo - vivência traumática! Desde aí, desse lugar onde as palavras faltam para dizer, acompanharemos uma primeira saída marcada por limites bem precisos, obsessivos: um casamento, um distanciamento do lugar e do pensar sobre tudo o que ocorrera.

Mas, se não fechamos o livro e não nos “mudamos” para outro lugar, podemos nos identificar com Lol, a heroína do romance, e aí corremos o risco de perder o chão, de atravessar um vazio onde não se pode agarrar... Mas a heroína do romance inventa uma saída: um ser a três.

Lacan (2003, p.203) nomeia essa identificação outra a que o texto convoca: um ser-a-três. E é Lol que o arranja. Lol e dois, “eu e dois”, como escreve Lacan. Esse arranjo de um ser-a-três como saída possível para que o efeito de um nó ocorresse, ali onde só havia um buraco cujo efeito havia sido o de uma vivência de despersonalização, de loucura, é construído no retorno de Lol à T Beach - “eu e dois”.

Na sua volta a T. Beach, dez anos depois, Lol cria condições para que um enodamento psíquico pudesse ocorrer. Jacques Hold, o amante de Tatiana, sua melhor amiga de infância e a que ficara durante todo o tempo do baile ao seu lado, assistindo ao deslumbramento do seu noivo pela mulher fatal, aceitou dar a Lol a construção de uma cena: ele e Tatiana juntos. Como na primeira cena, este homem, agora Jacques Hold, sente-se atraído por Lol, mas ela o reenvia para uma Outra mulher: Tatiana.

Lol vira Tatiana, de um quarto de motel em que estava com Jacques Hold, passar pela janela, “nua, sob os cabelos negros” e pede a ele mais, mais uma vez... No final do livro ficamos com Lol, deitada num campo de centeio, em frente à janela aberta do hotel em que Jacques Hold iria encontrar-se com Tatiana...

Se de um lado poderíamos pensar num mecanismo em que a repetição opera - Lol assistindo a seu parceiro ser arrebatado por outra mulher -, Lacan sublinha o fato de que o segundo momento tem efeito de uma construção de nó; de uma construção passível de oferecer um efeito de estabilização psíquica em Lol, em nós leitores e, acredito, em Duras!

Éric Laurent (2004, p.401) oferece-nos a nomeação do fantasma de Lol, cujo suporte é o vestido. “O vestido funciona como um suporte... como suporte do cálculo do lugar do sujeito”. O vestido recobrando o corpo da outra mulher, de um duplo de si mesma, retorna a Lol marcado por um efeito da ordem de uma consistência de ser no mundo. É como se, sem o olhar que confere ao gesto de despir o vestido de uma mulher, o seu corpo, o corpo de Lol, não cumprisse o papel de continente. O olhar do Outro assegura esse contorno, assegura os limites do corpo de Lol. Furo no simbólico, despersonalização, foi o que acompanhamos quando Lol foi retirada do baile, quando um fim inscreveu-se na cena em que ela estava podendo ser “eu-e-dois” com Anne-Marie Stratter. Ela e seu duplo, Anne-Marie Stratter, “eu-e-dois” desejada pelo noivo. Sabemos que o fantasma, graças a seu sentido congelado, tem um aspecto positivo que é o de nos oferecer um lugar de ser no mundo, uma janela diante da qual olhamos o mundo e ele apresenta-nos uma consistência lógica.

Anne-Marie Stratter, com seu vestido negro, seu noivo Michael Richardson e ela vendo-os dançar tem seu correlato na cena em que Tatiana, com seus longos cabelos pretos, vestindo a nudez de seu corpo, está junto a Jacques Hold, no enquadre da janela, dando-se a ver para Lol deitada na frente dessa janela num campo de centeio... Eles oferecem a Lol um caminho para que, numa montagem fantasmática ela possa se imiscuir ali e construir um ser-a-três... Lol identifica-se com cada uma dessas mulheres e recebe, ela também, o olhar do homem amado, podendo, só então, existir! Mais do que isso, precisa haver esse invólucro: o vestido negro ou os cabelos negros, como se esses invólucros ocupassem a função de limite, contendo os órgãos corporais. Sem o vestido, ou os cabelos negros, seria a vivência da loucura, de despersonalização.

Lacan nos diz que o segundo momento do texto em que Lol constrói um ser-a-três com Tatiana e Jacques Hold não é da ordem da repetição sintomática, ele nos diz que o efeito desse segundo tempo é da ordem de “um nó que se reata aí.” Lol, no final da novela, deitada num campo de centeio em frente à janela aberta do quarto em que Jaques Hold faria amor com Tatiana, nua sob seus cabelos negros, pôde localizar um gozo, o de recuperar o objeto olhar e teve um saber fazer com isso...

Do lado de Marguerite Duras, trago uma frase dita por ela, ao ser questionada sobre sua história por Laure Adler, sua biógrafa: “Amo meus livros. Eles me interessam. As pessoas dos meus livros são aquelas da minha história.” (Adler, 1998, p.17). “Sei que quando escrevo, há qualquer coisa que se faz. Deixo agir em mim, alguma coisa que procede da feminilidade... é como se eu retornasse a um terreno selvagem” (Ibid., p.16).

É desde esse terreno selvagem, lugar ainda não colonizado pelas palavras que Duras, pela escrita, localiza o objeto de gozo: olhar.

Sua obra é a prova de que ela soube fazer algo com isso, o que não tem nome e nunca terá... O que está mais além das palavras!

Referências Bibliográficas:

ADLER, Laure (1998). *Marguerite Duras*. Paris: Éditions Gallimard, 951 p.

DURAS, Marguerite (1986). *O Deslumbramento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 145 p.

LACAN, Jacques (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 606 p.

LAURENT, Éric (2005). El sofisma de Lol V. Stein. In: Miller, J. A. *Los Usos del Lapsó*. Buenos Aires: Paidós, 516p.